

01

**“O ESCARAVELHO FÚNEBRE”,
DE VINCENT O’SULLIVAN**

Ana Resende

Ana Resende

Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Nabil Araújo de Souza. Sua pesquisa é financiada pela CAPES.

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4379691112134995>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1294-0740>.

E-mail: hoelterlein@gmail.com.

Nas últimas décadas, teóricos como Kirsten MacLeod, autora de *Fictions of British Decadence* (2006), têm procurado mostrar as especificidades da produção literária decadente em língua inglesa. Em sua pesquisa, a estudiosa aborda alguns dos mitos que parecem ter prejudicado o estudo da prosa de ficção decadente: o mito da geração trágica, o mito da produção literária decadente como sinônimo de alta literatura e o mito dos autores boêmios e aristocratas.

Para MacLeod, a popularização de tais mitos na pesquisa acadêmica exerceu uma influência negativa no estudo da Decadência inglesa, produzindo representações incorretas e simplificações acerca da contribuição da produção decadente

para a cultura literária da época. A autora observa que esses mitos limitaram as pesquisas a alguns poucos autores e textos, e levaram a um interesse maior pela poesia em detrimento da prosa de ficção, o que ocasionou afirmações acerca do número reduzido de obras decadentes em língua inglesa.

Embora durante muito tempo a literatura decadente inglesa tenha sido denominada ironicamente de “Huysmans com água” (MACLEOD, 2006, p. 16, tradução minha) em referência ao seu caráter imitativo da produção literária francesa, é possível afirmar que a Decadência se estendeu além dos limites das nações e dos períodos, e identificar a produção decadente em “locais surpreendentes e improváveis” (KAYE, 2017, p. 136, tradução minha). Portanto, a produção decadente inglesa deve ser considerada em seus próprios termos, “como uma forma condicionada por forças literárias, sociais e culturais específicas de seu contexto histórico e nacional” (MACLEOD, 2006, p. 16, tradução minha).

O progresso das tecnologias de impressão, influências estéticas estrangeiras, mudanças na publicidade e outros fatores econômicos, além da flexibilidade e da liberdade oferecidas pelos contos, desempenharam um papel importante na criação de um mercado para a ficção curta em língua inglesa. No fim do século 19, o conto tinha apelo popular e literário, e essas condições de produção e recepção levaram ao surgimento de obras mais voltadas para o mercado consumidor.

Em carta de 1844 ao amigo Charles Anthon (1797-1867), um intelectual americano, o escritor Edgar Allan Poe (1809-1849) traça planos sobre a criação de uma revista literária e observa

que o conto constituía uma “forma adequada” ao “espírito ativo e enérgico da época” (POE, 1948, p. 268, tradução minha), mas também se prestava a ser um espaço de experimentação e de exploração de temas associados ao mórbido, ao assombroso etc., tal como veremos na coletânea *The Green Window* (1899), de Vincent O’Sullivan (1868-1940), da qual traduzimos o conto “Will”.

O’Sullivan nasceu em Nova York e muito jovem deixou seu país natal e foi morar em Londres, onde conheceu vários nomes importantes da literatura e da cultura *fin-de-siècle*, incluindo Oscar Wilde. Ele escreveu seu primeiro livro de contos sobrenaturais, *A Book of Bargains*, em 1896. Suas histórias, frequentemente, giram em torno de pactos diabólicos, cadáveres reanimados e aparições fantasmagóricas, além da caracterização de uma interioridade neurótica. O conto “Will” foi traduzido ao francês em 1897 e publicado na revista *Mercure de France* com o título de “Le Scarabée Funèbre”, título que emprestamos à tradução em português.

REFERÊNCIAS

- KAYE, Richard. Review of Decadence and the reinvention of Modernism by Vincent Sherry and The Decadent republic of letters: taste, politics, and cosmopolitan community from Baudelaire to Beardsley by Matthew Potolsky. *Modern Language Quarterly* 78, n. 1: p. 132-137, 2017
- MACLEOD, Kirsten. *Fictions of British Decadence: high art, popular writing, and the fin de siècle*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.
- O’SULLIVAN, Vincent. Will. In: O’SULLIVAN, Vincent. *The Green Window*. Londres: Leonard Smithers and Co., p. 83-93, 1899.
- POE, Edgar Allan. *The Letters of Edgar Allan Poe*. Volume 1. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

O ESCARAVELHO FÚNEBRE

Vincent O'Sullivan

I

Será que os mortos ainda têm algum poder depois de serem enterrados? Será que podem nos controlar, sentados em seus terríveis tronos? Será que seus olhos fechados se tornam faróis ameaçadores, e suas mãos paralisadas se esticam para flagelar nossos pés e nos lançar em trilhas que eles mesmos traçaram? Ah! Certamente quando os mortos retornam ao pó seu poder se deteriora em pó!

Durante as longas tardes de verão, quando os dois se sentavam sob uma janela com vista para o Parque das Fontes Sombrias, era frequente que ele pensasse coisas assim. Pois era no pôr do sol, quando a casa lúgubre se banhava em escarlate, que ele mais odiava a esposa. Há meses eles viviam juntos e passavam seus dias sempre da mesma maneira — sentados sob a janela de um grande cômodo com mobília escura de carvalho, tapetes pesados e cortinas purpúreas ricamente decoradas, nas quais pairava um curioso e bolorento odor de lavanda. Durante uma hora, ele a observava intensamente enquanto ela, sentada à sua frente, alta, pálida e frágil, com os cabelos negros na altura do pescoço, virava, com as lânguidas mãos, as páginas de um missal com iluminuras — e então ele olhava mais uma vez para o Parque das Fontes Sombrias, na extremidade do qual o rio corria como um sonho prateado. Ao pôr do sol, o rio pouco a pouco se tornava turbulento e agourento para ele — como uma poça de sangue —, e as árvores, tingidas de vermelho-escuro, pareciam brandir espadas em chamas. Por

longos dias, eles ficavam sentados no cômodo, sempre em silêncio, observando as sombras passarem de cinzento a escarlate, de escarlate a cinéreo, de cinéreo a negro. Se, numa rara ocasião, eles passeassem ao ar livre e cruzassem os portões do Parque das Fontes Sombrias, e ele ouvisse um passante murmurar ao outro: “Como é bela!”, o ódio por sua esposa aumentava cem vezes.

Assim, ele a envenenava certa e lentamente, com um veneno mais insidioso e sutil que o do anel de César Bórgia; um veneno destilado pelos olhos. Ao fitá-la, ele esgotava a vida da esposa; drenava suas veias, ressentindo-se das batidas de seu coração. Não necessitava dos venenos lentos que enfraqueciam a carne, nem dos venenos mortais que inflamavam a mente; pois seu ódio era um veneno que ele destilava sobre o corpo pálido da esposa até que ela não tivesse mais forças para segurar a alma que lhe escapava. Exultante, ele observava sua crescente fraqueza ao longo do verão: não havia um dia, não havia uma hora em que ela não pagasse tributo àqueles olhos; e quando, no outono, ela teve dois longos desmaios que se assemelharam à catalepsia, ele fortaleceu sua vontade de odiar, pois sentia que o fim estava próximo.

Finalmente, numa noite com o céu cinza sob um pôr do sol invernal, ela se deitou no sofá, no cômodo escuro, e ele soube que ela estava morrendo. Os médicos foram embora com palavras fúnebres nos lábios e, nesse momento, os dois ficaram a sós. Então, ela o chamou da janela onde ele fitava o Parque das Fontes Sombrias para que se sentasse a seu lado.

— Seu desejo vai se realizar — falou. — Estou morrendo.

— Meu desejo? — murmurou ele, agitando as mãos.

— Silêncio — gemeu ela. — Você acha que eu não sei? Durante dias e meses, senti que você drenava a vida do meu corpo para dentro do seu, para que pudesse pôr à terra a minha alma. Durante dias e meses, ao sentar-me com você, ao caminhar a seu lado, você me viu implorar por piedade. Mas você não cedeu, e seu desejo vai se realizar, pois estou morrendo. Seu desejo vai se realizar, e meu corpo está morrendo, mas minha alma não pode morrer. Não! — gritou, erguendo-se um pouco dos travesseiros. — Minha alma não morrerá. Viverá e agitará um cetro todo-poderoso, iluminado pelas estrelas.

— Mas... minha esposa...!

— Você pensou em viver sem mim, mas nunca ficará longe de mim. Nas longas noites sem lua, nos terríveis dias em que o sol for obscurecido, eu estarei a seu lado. No caos mais profundo, iluminado por relâmpagos, no cume mais alto das montanhas, não tente escapar de mim. Você é meu escravo, pois foi este o pacto que fiz com a Morte Cardeal.

À meia-noite, ela faleceu. E, dois dias depois, eles a levaram até o local de sepultamento, próximo a uma abadia em ruínas, e lá a puseram em seu túmulo. Após acompanhar-lhe o enterro, ele deixou o Parque das Fontes Sombrias e viajou para terras longínquas. Percorreu as regiões mais distantes e inóspitas; durante meses, viveu em meio aos mares árticos; tomou parte em cenas bárbaras e trágicas. Acostumou-se à visão da crueldade e do terror; às angústias de mulheres e crianças, e à agonia e temor dos homens. E quando retornou, após anos de aventura, foi morar em uma casa cujas janelas davam para a abadia em ruínas e o túmulo

de sua esposa, assim como a janela na qual eles se sentavam juntos dava para o Parque das Fontes Sombrias.

E aqui ele passou dias sonhadores e noites insones. Noites pintadas com quadros monstruosos e tumultuados, e agitadas por sonhos em vigília. Fantasmas desfigurados e horrorosos passavam diante dele; cidades arruinadas, cobertas com uma luz glacial, se edificavam em seu quarto enquanto em seus ouvidos ressoavam os passos de exércitos que recuavam e avançavam, o clangor de esquadrões e o tumulto da guerra iminente. Ele era assombrado por mulheres que imploravam para que tivesse compaixão, esticando as mãos suplicantes (eram sempre mulheres), e, às vezes, elas estavam mortas. E quando a manhã finalmente chegava, e seus olhos cansados se voltavam para a sepultura solitária, ele se acalmava com alguma droga oriental e deixava as horas adormecerem enquanto caía em longos devaneios, murmurando para si mesmo as cadências dos poemas em prosa de Baudelaire, ou as frases obscuras e reflexivas, carregadas com os mistérios dos compartimentos interiores de vida e morte das páginas de Sir Thomas Browne.

Na última noite de lua, ele ouviu o ruído singular de algo arranhando sua janela e, quando abriu o batente, sentiu o odor pesado que gruda a criptas e catacumbas quando os mortos são enterrados. Depois, viu que um escaravelho — um besouro, imenso e irreal — rastejarapela parede da casa, vindo da sepultura. Com impressionante destreza, o escaravelho escalou uma mesa que ficava próxima ao sofá no qual ele costumava se deitar e, ao aproximar-se, estremecendo com nojo e irritação, ele percebeu, horrorizado, que o inseto tinha dois olhos vermelhos como manchas de sangue.

Por mais que sentisse nojo e ódio da criatura, aqueles olhos o fascinavam — e o capturavam feito presas. Naquela noite, as outras visões o abandonaram, mas o escaravelho fúnebre não o deixou em paz — não! ele o obrigava a estudar sua horrenda conformação, a se deter em suas presas, a refletir sobre sua alimentação enquanto permanecia sentado, choroso e impotente. Durante toda a noite, que mais pareceu um século — durante as horas palpitantes —, ele permaneceu sentado, oprimido pelo horror ao fixar o indescritível parasita viscoso. Às primeiras luzes do amanhecer, o inseto foi embora furtivamente, deixando em seu rastro o mesmo odor do ossuário; mas para ele o dia não trouxe descanso, pois seus sonhos foram assombrados pela abominável criatura. Durante todo o dia, souou em seus ouvidos a música — uma música funérea, cheia de paixão, lamentos de derrota e grandes alarmes; durante todo o dia, ele sentiu que se envolvera em um conflito contra um rival de indestrutível armadura, embora ele mesmo estivesse desarmado e indefeso; durante todo o dia até o anoitecer, quando ele observou o horrendo monstro rastejar lentamente das ruínas da abadia e do calmo e negligenciado Gólgota que jazia ali diante de seus olhos. Calmo em seu exterior; mas, talvez, em seu interior, quão perturbado, quão comovido estava pela tempestade! Temeroso, invadido por uma inexpiável sensação de culpa, ele esperou o inseto fúnebre — o mensageiro dos mortos. E a noite e o dia foram a imagem das noites e dos dias que viriam. Com efeito, desde a noite da lua nova até a noite em que a lua começou a minguar, o besouro permaneceu no túmulo, mas tão terrível era o alívio dessas horas, tão dolorosa, a transição, que ele nada poderia fazer além de afundar em uma depressão semelhante à loucura.

E as circunstâncias não eram meramente as do horror e repulsa físicos; nuvens de terror espiritual o envolveram; ele sentia que esse aborto, esse inominável visitante, era realmente um enviado que reclamava sua vida, e a carne desprendeu-se de seus ossos. Então ele passou cada um dos dias ansiando com angústia pela escuridão e finalmente veio a noite desfigurada, cheia de opressora ansiedade e dor.

II

Ao amanhecer, quando o orvalho ainda pesava sobre a grama, ele foi até o cemitério e se postou diante dos portões de ferro da câmara mortuária na qual a esposa jazia. E de pé ali, repetindo litanias furiosas e suplicantes, lançou objetos de valor incalculável: peles de leopardos e tigres comedores de homens; peles de animais que beberam água do rio Ganges e de animais que chafurdaram na lama do Nilo; gemas que ornamentaram os faraós, presas de elefantes e corais que custaram a vida de homens. Então, de braços erguidos, numa voz cheia de ódio contra o céu, ele gritou: “Fique com tudo isso, ó alma vingadora, e deixe-me em paz! Isso não é suficiente?”

Depois de algumas semanas, ele voltou mais uma vez à câmara mortuária, trazendo consigo um cálice consagrado, cravejado de joias, que fora usado por um sacerdote durante a missa, e um cibório do ouro mais puro. Ele os encheu com o raro vinho de uma safra perdida e, colocando-os no interior da câmara, gritou com voz de tempestade: “Tome-os, ó implacável alma, e poupe seu escravo! Isso não é suficiente?”

Finalmente, trouxe consigo as pulseiras da mulher que amava, cujo coração ele partira ao se separar para satisfazer a morte.

E juntou a elas uma comprida mecha de seus cabelos e um lenço úmido com suas lágrimas. E a câmara mortuária se encheu com a tristeza de seu murmúrio assustador: “Ó minha esposa, *isso* não é suficiente?”

Mas ficou evidente a quem lhe era próximo que ele havia chegado ao fim de sua vida. Seu ódio da morte, o temor de suas inflexíveis carícias, deram-lhe força, e ele parecia resistir com as mãos finas a algum assaltante palpável. Mais distinta e em cores mais vivas do que as visões de seu delírio, ele viu a companhia que avançava para combatê-lo: sob a luz mais forte, contemplou o cenário que cercava os portais da dissolução. E, no momento supremo, foi com uma resistência muito maior do que a do avaro que é forçado a separar-se de seu ouro, com uma angústia muito mais intensa do que a do amante arrancado de sua amada, que ele abriu mão da própria alma.

Em uma noite cinzenta e fria de outono, eles o enterraram na câmara mortuária ao lado da esposa. Este fora seu desejo, pois acreditava que em nenhuma outra câmara, por mais escura que fosse, a escuridão fosse se aquietar; em nenhum outro campo santo, lhe seria permitido repousar. Ao carregarem-no, entoaram uma majestática trenodia — um canto que tinha a atração grave e profunda de uma marcha triunfal, conduzida pelos ventos, soluçada através dos galhos de árvores anciãs. E, ao chegarem à câmara mortuária, eles o conduziram à sepultura e se ajoelharam no chão para rezar pela paz de seu espírito. *Requiem aeternam dona ei, Domine!*

Mas, ao se prepararem para sair do terreno da abadia em ruínas, um diálogo no interior da câmara mortuária teve início —

um diálogo tão estranho, tão terrível em sua natureza e sua causa, que os homens entreolharam-se sob o crepúsculo, com rostos pálidos e contorcidos, enquanto o testemunhavam.

Primeiro, ouviu-se uma voz de mulher:

— Você veio.

— Sim, eu vim — retrucou um homem. — Eu me ofereço a você... que me venceu.

— Há muito que eu espero — falou a mulher. — Durante anos fiquei aqui enquanto a chuva se infiltrava nas pedras, e a neve pesava sobre o meu peito. Durante anos, enquanto o sol dançava sobre a terra, e a lua sorria docemente acima de jardins e criaturas agradáveis, eu fiquei aqui na companhia do escaravelho, em aliança com o escaravelho fúnebre. Você só fez o que eu queria; foi o brinquedo de minhas mãos frias. Ah, você tirou o meu corpo de mim, mas eu roubei sua alma de você!

— E há paz para mim... agora... finalmente?

A voz da mulher se tornou mais alta e soou pela câmara mortuária como um trompete de proclamação:

— A paz não me pertence! Você e eu finalmente estamos juntos na cidade de quem domina um poderoso império. Agora trememos diante da rainha da Morte.

Os vigias correram pelos portões da câmara mortuária e abriram os dois caixões. No primeiro deles, cheio de mofo, encontraram o corpo de uma mulher com a aparência e o calor de quem acabara de falecer. Mas o corpo do homem estava corrompido e tremendamente decrépito como um cadáver há muitos anos sepultado.